

POLÍTICAS CULTURAIS COM AS PERIFERIAS: ESCUITA ATENTA, PRESENÇA E MUDANÇA DOS PARADIGMAS DE CULTURA

Bruna Hercog¹
Natureza França²

RESUMO

Refletir sobre a importância da participação dos agentes culturais que atuam nas periferias na (re)construção das políticas culturais no Brasil. Este foi o objetivo de um ciclo de aulas abertas realizadas por Bruna Hercog, na FACOM/UFBA, com participação de produtores e gestores culturais de Salvador. Entre eles, Natureza França, gestora do Quilombo Aldeia Tubarão. Juntas, as autoras sistematizam nesse relato as trocas tecidas e destacam a urgência em se rever os paradigmas de cultura que orientam as políticas culturais, tomando como base as potências que constituem os modos de ser, fazer, conhecer, comunicar dos/as fazedores/as de cultura das periferias.

*

Ao longo de séculos, os nossos outros centros – que insistimos em chamar de periferias – estão produzindo cultura, comunicação, transformação social e traçando táticas e pedagogias que podem subsidiar políticas culturais. No entanto, observa-se que, apesar de termos alguns avanços consideráveis, o caminho é longo para que as políticas culturais sejam de fato construídas e implementadas com as periferias e não para elas.

Afinal, a quem servem as políticas públicas implementadas nas periferias? Como construir políticas culturais com aqueles e aquelas que produzem e gestam cultura nesses territórios? Quais paradigmas de cultura prevalecem nas políticas culturais implementadas? Estas foram algumas das questões que guiaram as aulas abertas que facilitei para estudantes de

¹ Jornalista, educadora e pesquisadora. Doutora e Mestra em Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (Poscultura/UFBA). Pesquisadora do Observatório da Diversidade Cultural (ODC). E-mail: bhercog@gmail.com

² Sambadeira, gestora do QUIAL Tubarão. Mestra em Dança e Bacharela Interdisciplinar em Artes pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: naturezartesporte@gmail.com

Produção Cultural da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA)³ junto com artistas, pesquisadores, produtores e gestores culturais que atuam em bairros periféricos de Salvador.

Os encontros tiveram como objetivo refletir sobre a importância da participação dos agentes culturais que atuam nas periferias na (re) construção das políticas culturais no Brasil. Participaram das aulas Lázaro Roberto, fotógrafo e fundador do ZumVi – Acervo Fotográfico⁴; Pareta Calderash, poeta e idealizador do Sarau do Ghetto⁵; Geise Oliveira, produtora, gestora cultural, conselheira de cultura de Salvador e gestora da DiPreta Produções⁶; Kátia Costa, produtora e gestora cultural, Akayá Kapió, idealizadora do projeto Sabedoria da Mulher Ancestral⁷ e Natureza França, artista, sambadeira, mestra em dança pela UFBA e gestora do Quilombo Aldeia Tubarão⁸.

Este texto surge do desejo de relatar as trocas tecidas durante esses encontros junto com os/as convidados/as e com as/os estudantes – grande parte jovens negros e negras moradores/as das periferias de Salvador. Ele reúne partilhas generosas e foi tecido por mim e por Natureza França. Eu, Bruna Hercog, sou nascida e criada em Salvador, comunicadora, educadora, pesquisadora e construo minha caminhada com diálogo e construção coletiva junto às populações negras, indígenas, periféricas no Brasil e na América Latina. Eu, Natureza França, sambadeira, natural de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, sou educadora, gestora cultural, artista. Sou muitas. Feitas as apresentações, passaremos a falar no plural e cada uma falará por si, quando se fizer necessário.

Nos focaremos em três principais aspectos que foram apontados pelos/pelas agentes culturais e que se inter-relacionam: a necessidade do reconhecimento por parte do poder público das metodologias e conhecimentos das/dos fazedores/as de cultura nos territórios, em sua grande maioria negros e negras; a implementação de processos qualificados e comprometidos de escuta dos/das agentes culturais e a urgência em se rever os paradigmas de cultura que orientam as políticas culturais, tomando como base as potências que constituem os modos de

3 Estive como professora substituta na FACOM durante os semestres 2022.2 e 2023.1, facilitando as disciplinas de Teorias da Cultura; Políticas Culturais; Comunicação e Cultura e Oficina de Gestão em Cultura.

4 <https://www.zumvi.com.br/>

5 <https://www.instagram.com/saraudoghetto/>

6 <https://www.instagram.com/dipretaproducoes/>

7 <https://www.instagram.com/sabedoria.da.mulher.ancestral/>

8 <https://www.instagram.com/quialtubarao/>

ser, fazer, conhecer, comunicar dos territórios violentados. Por “território violentado”, entendemos estas localidades historicamente submetidas a uma série de violências (estruturais, simbólicas e físicas).

No que se refere aos processos de mapeamento das iniciativas, espaços e escuta dos/as agentes culturais, foi apontada a necessidade de uma escuta qualificada e atenta. Não uma escuta simbólica ou burocrática. Mas, uma escuta capaz de se conectar de forma respeitosa com todo o trabalho que agentes e gestores culturais constroem há séculos nas periferias para garantir que outras versões das histórias de povos indígenas e negros possam ser contadas. Trata-se de um trabalho contínuo para garantir que a memória dessas populações não seja apagada. São saberes emancipatórios que traduzem uma forma de conhecer o mundo, de produzir uma racionalidade determinada pelos marcadores raciais e de gênero e de intervir nesta sociedade racializada por meio da criação, recriação, produção e potência (Hercog, 2023).

Justamente para contar outras versões das histórias, em 2015, fundamos – eu, Natureza, e outros/as fazedores/as de cultura de Tubarão, Paripe – o Quilombo A Corda que, em 2019 foi nomeado QUIAL Centro Cultural Quilombo Aldeia Tubarão. Atualmente, o QUIAL sedia projetos como a Plataforma Multimídia Favela Revela, onde jovens de periferias do Brasil pesquisam, criam, produzem e promovem conteúdo de valorização das ações e potenciais das periferias em todo o Brasil. Uma série de produções que temos feito contribuem para o resgate e a difusão da nossa história⁹. Conhecer a minha história é uma responsabilidade que tenho para com a minha família e com minha comunidade.

Por isso, quando falamos em escuta atenta, estamos falando de presença. Nós, artistas, produtores e gestores culturais que somos das e atuamos nas periferias acreditamos que essa escuta presente só é possível quando envolve a participação de pessoas que sejam referências para as comunidades. Não basta termos representantes dos órgãos públicos ou pesquisadores de universidades coletando informações nas periferias, precisamos ter referências nossas ocupando esses espaços de decisão. A presença é uma forma de escuta.

9 V. A Periferia é o Centro. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCWmXikIXE9_vfxSIDaGi5BA Acesso em: 10 jan. 2022.; Matriarcas de Tubarão: Potência e resistência das mulheres de um lugar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2qan3LERrqc&t=532s> Acesso em 15 jan. 2022.

Para dialogar com Natureza e com o QUIAL trazemos a história do fotógrafo Lázaro Roberto, que durante a aula aberta nos contou como a sua percepção sobre si próprio e sobre os seus, o seu lugar começou a se transformar quando descobriu a potência da fotografia. Foi em 1990, no contexto da Ditadura Militar, que Lázaro Roberto, Aldemar Marques e Raimundo Monteiro criaram o Zumví Arquivo Fotográfico. Três fotógrafos negros, moradores de Salvador, que passaram a se dedicar ao registro das atividades culturais e políticas da cidade e a produção de imagens da cultura afro-brasileira.

Ao longo de mais de 30 anos o Zumví vem registrando sistematicamente as manifestações do movimento negro, e o cotidiano dos afrodescendentes em diversas temáticas e contextos populares, principalmente a memória do movimento negro baiano e outros temas que compõem um acervo, com cerca de 30.000 negativos sobre a cultura afro-baiana¹⁰

Esse acervo, no entanto, estava correndo riscos por falta de condições adequadas de armazenamento. Assim como o acervo do Zumví, muitos outros processos de produção de memória a partir das narrativas das populações afrodiaspóricas seguem ameaçados. A exemplo do QUIAL e do Zumví temos muitas experiências desenvolvidas nas periferias que contribuem para produzir informações e traçar estratégias que podem – e devem – subsidiar políticas culturais. Vejamos, por exemplo, a potência dos saraus de poesia que são realizados em diversos bairros das periferias de Salvador¹¹. Pareta Calderasch é um destes poetas que, a partir do uso político da palavra, constroem junto às juventudes outros letramentos possíveis, que reforçam a identidade afrodiaspórica, valorizam a memória e reposicionam as juventudes negras – sempre suspeitas e violentadas de todas as formas – como sujeitos de direito, artistas, autores das suas próprias histórias.

As iniciativas são inúmeras e não seria possível discorrer sobre todas aqui. No entanto, é preciso vontade política para que haja uma escuta efetiva e para que esses/as gestores/as culturais tenham condições de continuar a desenvolver suas atividades. Foi o que destacaram as/os agentes culturais que participaram das aulas abertas. É preciso investimento continuado e não mais projetos pontuais e recursos espaçados. Os coletivos precisam

¹⁰ V. <https://www.zumvi.com.br/>

¹¹ Valdeck Almeida, escritor, poeta e mobilizador cultural baiano já catalogou mais de 50 saraus de poesia em diversos bairros das periferias de Salvador. Disponível em: <http://sarausdepoesiaemsalvador.blogspot.com/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

de sedes, de estrutura, de apoios sistemáticos para desenvolverem as atividades com qualidades e com remunerações justas para todos e todas. O Estado precisa investir não só nas premiações, nos editais, mais injetando recursos diretamente nas organizações que estão ali de fato realizando as coisas o ano inteiro e que muitas vezes não tem condições de participar de muitos dos chamamentos públicos feito pelos órgãos públicos. A cultura, portanto, tem que ser transversal a todas as secretarias.

Estas percepções dialogam com o que Hortência Silva Nepomuceno dos Santos (2015) aponta como os desafios nas políticas culturais pensadas para as cidades. A autora ressalta o lugar da cidade na produção coletiva de sentidos no âmbito econômico, político e social e lança a provocação:

Como promover a inserção da população e das pautas sociais e culturais nas decisões políticas, num espaço urbano culturalmente diverso e historicamente partido, como um direito a viver bem em coletividade, partilhando e usufruindo igualmente dos bens conquistados, mesmo que submetidos à lógica capitalista? (Santos, 2015, p. 20)

Em concordância com a autora compreendemos a educação e a cultura como aceleradores da construção de valores simbólicos, portanto, quando não são exercidas, as barreiras persistem. É urgente a “necessidade de reorientar a construção de políticas públicas, através da potencialização em longo prazo das bases política, educacional, informacional e cultural da sociedade” (Santos, 2015, p. 39).

Com ou sem aporte dos poderes públicos, agentes culturais comunitários, a partir das cidades – e mais especificamente a partir destes territórios violentados – apostam e se desdobram justamente para produzir cultura e educação a partir dos seus lugares, dos seus corpos-territórios, das suas memórias e saberes ancestrais. E fazem isso a partir de processos de construção coletiva e comunitária, como conta Natureza França.

O cenário de escassez no qual vivemos e produzimos cultura se refere ao nosso poder material. E essa escassez não vem da gente, não nasce na gente, mas é decorrente da falta histórica de acesso a recursos, da ausência de direitos básicos que não nos são garantidos. Porém, o que representa o nosso poder criativo, o nosso poder de resiliência é um cenário de abundância.

Nossos antepassados são muito resistentes. Os processos criativos da periferia precisam partir das nossas histórias, para que a gente não

siga reproduzindo o que ensinaram pra a gente. Enquanto educadora, esse é um trabalho meu, é uma busca que eu faço constantemente. Enquanto aprendiz (e feliz de ser aprendiz), eu entendo que para as outras pessoas é importante também saber disso. E eu vou compartilhando essa aprendizagem. Mas, não vou sozinha. Na favela, a gente precisa trabalhar em rede. O que eu vejo dar certo nas quebradas é em rede, é em parceria, é com irmandade.

Eu, Bruna, compreendo esse atuar em rede, a valorização dos saberes ancestrais e o papel da arte e da educação nas periferias trazido por Natureza e por todos/as os/as demais fazedores/as de cultura com quem conversamos como elementos estruturantes do que tenho chamado de epistemologias das quebradas¹². Observo quatro eixos centrais: a arte e a comunicação como alicerces pedagógicos; o território como âncora; a ancestralidade como bússola e a aposta pelo comunitário como catalizadora da atuação. Em linhas gerais, aponto que o entrelaçamento das dimensões artística, política e identitária sustenta a base dos processos de construção de conhecimentos dos coletivos que atuam nas quebradas. Esta base ética e estética guia os coletivos. A arte e a comunicação têm, portanto, uma dimensão pedagógica.

Como quilombos urbanos, estes coletivos têm o território vivido como âncora – no sentido de apoio, amparo, proteção, base – e alavanca, pois as relações tecidas ali alimentam os ativismos. A construção de territorialidades específicas por parte destas juventudes dentro de um bairro marginalizado é forjada por uma multiplicidade de identidades e formas organizativas. O conhecimento ancestral diaspórico é herdado pelos movimentos sociais negros e indígenas e amalgama as práticas dos coletivos culturais. A ancestralidade é bússola. O convite para que a memória apagada seja revivida é tática, é intencionalidade pedagógica. O corpo transforma o *destierro* em *locus* de ação, produção, reexistência. Por fim, a aposta pelo comunitário à medida que catalisa a atuação, conforma a base ética e estética dos coletivos das quebradas (Hercog, 2023, p. 54).

Esses processos organizativos que se espalham por esses outros centros questionam cânones e propõem, portanto, mudanças nas formas tradicionais de organização política. São formas efetivas de produção de conhecimento, porém, muitas vezes invisibilizadas diante, por exemplo, dos formuladores de políticas culturais, tema da nossa reflexão. Esse foi outro aspecto trazido durante as aulas abertas: a falta de reconhecimento

¹² V. HERCOG, Bruna Pegna. Rumo às epistemologias das quebradas: iniciativas juvenis em Salvador (Bahia, Brasil) e Cali (Valle del Cauca, Colômbia). (Tese de Doutorado). UFBA. Salvador, Bahia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35390>.

por parte do poder público das metodologias e conhecimentos das/dos fazedores/as de cultura nos territórios. Para além do reconhecimento, de fato, a demanda é por processos mais radicais de transformação na relação entre a sociedade civil e o Estado, para que as populações historicamente subalternizadas ocupem os lugares de poder, fissurando hierarquias estruturadas desde o período colonial.

Para que essa transformação aconteça, os paradigmas de cultura que orientam as políticas culturais devem tomar como base as potências que constituem os modos de ser, fazer, conhecer, comunicar nestes territórios. Dizemos/as fazedores/as de cultura: não cabem mais projetos verticalizados que chegam nos territórios com uma perspectiva democratizante, mas, na prática reforçam modelos hierárquicos que colocam as/os agentes culturais que atuam nas periferias em lugares subalternizados.

O fazer com as periferias e não para elas diz respeito justamente a essa inversão da lógica tradicional de formulação e implementação de políticas públicas, em todos os campos. Conhecer as metodologias, pedagogias e formas organizativas desenvolvidas nesses territórios pressupõe um despir-se de paradigmas estruturantes, o que é um grande desafio. Por isso, as trocas tecidas apontaram para essa relação necessária e tensa com o Estado. A atuação das iniciativas culturais das periferias é tática – aqui entendida na perspectiva de Michel De Certeau (2014) como movimentos dentro do campo de visão do inimigo –, muitas vezes acontece por caminhos não institucionalizados, mesmo dentro do jogo democrático. Como diz Muniz Sodré, o jogo democrático é jogado pelo sujeito “em sua cotidianidade, nas situações miúdas do dia a dia, no vaivém relacional entre as instituições e a vicissitude existencial da cidadania” (2010, p. 84).

Foi sobre isso que comentou durante a aula aberta, Geise Oliveira, mulher negra, periférica, representante da sociedade civil no Conselho Municipal de Cultura e ex-aluna do curso de produção cultural da FACOM. Provocada pelos/as estudantes, Geise reforçou a importância de pessoas como ela, como eles/as ocuparem espaços como os dos conselhos de cultura, instâncias democráticas de participação que, mesmo com suas fragilidades, devem ser disputados pelos fazedores/as de cultura das periferias. Em espaços como esses, é possível contribuir para que as vozes disruptivas de quem produz abundância, mesmo em cenário de escassez, sejam escutadas e que interfiram no desenho de políticas culturais que

contemplem, de fato, as maiorias do país: negros, negras, mulheres, populações periféricas.

A reflexão de Geise se conecta com a percepção sobre os equipamentos culturais que traz a professora, pesquisadora e gestora cultural Ana Vaneska Santos de Almeida no texto “Gestão participativa em comunidade: a experiência do Fórum de Arte e Cultura do Subúrbio no Centro Cultural Plataforma” onde observa a importância em ter fazedores/as de cultura das comunidades no centro das gestões de equipamentos culturais – principalmente quando são vinculados patrimonialmente ao Estado, para que esses espaços culturais seja construídos com e para a comunidade (Almeida, 2019).

A força do Estado precisa ser transferida para a sociedade civil para uma gestão participativa acontecer, florescer. Os espaços de cultura comunitários do entorno precisam ser fortalecidos através da política dessa gestão (Almeida, 2019, p. 198)

Natureza aqui, dialogando com Geise e Ana Vaneska, para lembrar que essa potência criativa que as periferias geram todos os dias na sua cultura, que é tudo que se faz, que se cultiva e não necessariamente determinadas linguagens, essa criatividade, essa potência criativa está aí servindo ao mundo. E, se a gente nutre esses projetos que fortalecem isso nas bases, vamos ter, em alguns anos, uma sociedade muito mais inteligente, mais forte, porque vai estar trabalhando coletivamente, e não com tantas desigualdades, com tantas diferenças. Não esqueçamos que o conceito de cultura tem sua raiz no cultivo, no cultivar. O que eu cultivo é cultura e me compõe enquanto sujeito. E me compõe enquanto família, enquanto grupo, enquanto comunidade, enquanto território. É o que nós cultivamos juntos, é o que nós compartilhamos. E isso é o tecido da sociedade, a cultura.

Sigo, com os meus e as minhas, refletindo que depois de quatro anos de muita violência, muito silenciamento, a gente sente o movimento da retomada, da reconstrução de um Estado que tem dentro da sua estrutura representantes nossos – muito poucos ainda, mas que conseguem abrir algumas brechas. Vamos acessando as políticas, que ainda se baseiam muito nos editais, nas premiações, mas vamos fazendo as nossas fissuras. Não é nada fácil, mas seguimos, fissurando esse sistema rígido, duro, homogêneo, branco, heterossexual que não é condizente com a realidade

do nosso povo. Não podemos romantizar e acreditar que tudo está resolvido, porque a presença, inclusive, de determinadas lideranças que nos representam ali dentro, é uma permissão do capitalismo também. E contra esse modelo destruidor que lutamos.

É representatividade que a gente precisa, é escuta ativa que a gente precisa, é presença, é posicionamento. E é muito trabalho. Isso, nós nunca negamos e seguimos construindo um acervo de memórias, de histórias, de transgressões, de revoluções, que precisa ser registrado, que precisa ser endossado, que precisa ser embasado, incentivado e impulsionado. Por isso, as políticas públicas precisam ser cada vez mais presentes e dependem da presença dos nossos e das nossas nos espaços de decisão.

Com essa reflexão-chamado-convocação feita por Natureza França e que representa muitos/as fazedores/as de cultura nos territórios violentados de Salvador e do Brasil, bem como de outras sociedades afrodiáspóricas, nos despedimos. Não tivemos como objetivo trazer respostas às provocações que guiaram os diálogos tecidos, mas sim, possibilitar que outras vozes, outras perspectivas pudessem ser lidas-sentidas para que sigamos, nesse momento de retomada, de reconstrução das políticas públicas no Brasil refletindo sobre quem são as pessoas que estão ocupando os lugares de poder dentro dos espaços institucionais: essas pessoas representam a maioria do povo deste país? A quem servem as políticas públicas implementadas nas periferias? Quais paradigmas prevalecem? E, principalmente, estamos dispostos e dispostas a mudar as lentes com as quais enxergamos o que é conhecimento, o que é capacidade técnica e política para formular e implementar ações que sejam de fato emancipatórias, disruptivas? Sigamos nessa reflexão taticamente, com presença, escuta ativa e afetiva.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

HERCOG, Bruna; FRANÇA, Natureza. Políticas culturais com as periferias: escuta atenta, presença e mudança dos paradigmas de cultura. Revista Boletim do Observatório da Diversidade Cultural, Belo Horizonte, v. 100, n. 2, 2023. Disponível em: <https://observatoriodadiversidade.org.br/boletins/>
Acesso em: [data].

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. V. **Gestão participativa em comunidade:** a experiência do Fórum de Arte e Cultura do Subúrbio Ferroviário de Salvador no Centro Cultural Plataforma. In: KAUARK, G.; RATTES, P.; LEAL, N. (org.). Um lugar para os espaços culturais: gestão, territórios, públicos e programação. Salvador: EDUFBA, 2019.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano:** artes de fazer. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

HERCOG, Bruna Pegna. **Arte e comunicação para produzir dribles epistêmicos:** iniciativas juvenis das “quebradas” de Salvador (Bahia, Brasil) e Cali (Valle del Cauca, Colômbia). PRAGMATIZES – Revista Latino-americana de Estudos em Cultura, Niterói/RJ, ano 13, n. 25, p. 35-56, set. 2023.

HERCOG, Bruna Pegna. **Rumo às epistemologias das quebradas:** iniciativas juvenis em Salvador (Bahia, Brasil) e Cali (Valle del Cauca, Colômbia). (Tese de Doutorado). UFBA. Salvador, Bahia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35390>.

SANTOS, Hortência Silva Nepomuceno dos. **Políticas públicas culturais para as cidades: os casos do Recife e de Salvador** / Hortência Silva Nepomuceno dos Santos. – Salvador: EDUFBA, 2015. 289 p. – (Coleção Cult).

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura:** a comunicação e seus produtos. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes: 2010.

Produções audiovisuais

A Periferia é o Centro. Realização QUIAL Tubarão. Série Audiovisual. Ano: 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCWmXIkIXE9_vfxSIDa-Gi5BA Acesso em: 10 jan. 2022.

Favela Revela. QUIAL Tubarão. Série Audiovisual. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UChpOU46xxJ5g37fWR65zPvQ>

Matriarcas de Tubarão: potência e resistência das mulheres de um lugar. QUIAL Tubarão. Documentário. Ano: 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2qan3LERrqc&t=532s> Acesso em 15 jan. 2022.

Sites e outras páginas eletrônicas

Acervo Fotográfico ZUMVÍ. Disponível em: <https://www.acervozumvi.com/categorias>. Acesso em 12 nov. 2023.

DiPreta Produções. Disponível em: <https://www.instagram.com/dipreta-producoes/>. Acesso em 12 nov. 2023.

Quilombo Aldeia Tubarão. Disponível em: <https://www.instagram.com/quialtubarao/>. Acesso em 12 nov. 2023.

Sabedoria da Mulher Ancestral. Disponível em: <https://www.instagram.com/sabedoria.da.mulher.ancestral/>. Acesso em 12 nov. 2023.

Sarau do Gheto. Disponível em: <https://www.instagram.com/saraudoghe-to/>. Acesso em 12 nov. 2023.